

24/08/2026



## **CARTA ABERTA DOS SINDICATOS**

### ***O FUTURO DA ELETRONUCLEAR PRECISA SER DISCUTIDO COM OS TRABALHADORES***

***AO GOVERNO FEDERAL, AO MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, AOS NOVOS ACIONISTAS E À SOCIEDADE BRASILEIRA***

Diante das incertezas do futuro da ELETRONUCLEAR, reuniões vêm sendo realizadas com os novos acionistas da Eletronuclear para discutir os rumos da Companhia. Neste sentido, as entidades sindicais representativas dos trabalhadores entendem ser fundamental reivindicar a participação de representantes dos empregados nessas discussões.

Os sindicatos não podem aceitar que decisões sobre o futuro da Eletronuclear e de seus trabalhadores sejam tomadas sem a participação daqueles que conhecem a empresa por dentro, acompanham sua história e, diariamente, sustentam sua operação. A participação dos trabalhadores não pode ser vista como uma concessão. É uma necessidade.

Essa participação torna-se ainda mais necessária diante de uma contradição que não pode ser ignorada. Um governo cuja trajetória política foi historicamente construída em estreita relação com os trabalhadores, com o movimento sindical e com a defesa do trabalho não pode permitir que justamente os trabalhadores sejam aliçados de uma discussão dessa importância.

Não é coerente que, sob um governo que reafirma seu compromisso com o diálogo social e com a valorização do trabalho, o futuro de uma empresa estratégica para o Estado brasileiro seja discutido essencialmente sob uma perspectiva empresarial, enquanto aqueles que construíram, preservaram e mantêm diariamente esse patrimônio nacional permanecem à margem do processo.

A Eletronuclear não é apenas uma empresa, e seus empregados não são apenas uma rubrica de custos. Este é um patrimônio construído ao longo de décadas com recursos públicos e, sobretudo, com conhecimento, experiência e dedicação de gerações de trabalhadores brasileiros.

Por isso, há aqui também uma questão de coerência. Se o compromisso histórico é com os trabalhadores, eles não podem ser chamados apenas para suportar as consequências das decisões. Precisam participar do diálogo enquanto os caminhos ainda estão sendo construídos.

A Eletronuclear ocupa posição estratégica para o Estado brasileiro. Sua atuação não se limita à atividade empresarial. A Companhia integra uma política de Estado relacionada à segurança energética, ao desenvolvimento tecnológico, à soberania nacional e ao domínio de uma área de conhecimento extremamente sensível para o País.

Por isso, qualquer discussão sobre seu futuro exige responsabilidade, transparência, conhecimento técnico e uma visão estratégica de longo prazo.

# ***A CRISE DA ELETRONUCLEAR NÃO PODE SER ATRIBUÍDA AOS TRABALHADORES***

Nos últimos anos, as entidades sindicais têm assistido à construção recorrente de uma narrativa que atribui aos empregados parcela significativa da responsabilidade pela grave situação financeira enfrentada pela Eletronuclear.

Essa narrativa precisa ser contestada.

Desde a crise provocada pela Operação Lava Jato, diferentes administrações passaram pela Companhia, com diferentes dirigentes, estratégias e promessas de recuperação.

As gestões mudaram. Os empregados permaneceram.

E, apesar das sucessivas mudanças de comando, a situação econômico-financeira da Companhia continuou enfrentando dificuldades.

É legítimo discutir custos, produtividade, eficiência, governança e sustentabilidade econômica. O que não é legítimo é transformar os trabalhadores em responsáveis por uma crise que possui causas muito mais amplas e profundas, relacionadas a decisões empresariais, financeiras, administrativas e governamentais acumuladas ao longo de muitos anos.

Os empregados não podem ser transformados em vilões de uma crise que não criaram.

Ao contrário: são esses trabalhadores que, ao longo de décadas, preservaram o conhecimento técnico da Companhia e mantiveram suas unidades em funcionamento, atravessando diferentes governos, administrações e períodos de instabilidade.

Se existe responsabilidade pela situação atual da Eletronuclear, ela precisa ser analisada a partir de sua história, das decisões tomadas ao longo dos anos e das condições estruturais às quais a Companhia foi submetida — e não simplesmente transferida para aqueles que continuaram trabalhando e mantendo suas instalações operacionais.

***UMA EMPRESA NUCLEAR EXIGE CONHECIMENTO ESPECIALIZADO***

Existe uma preocupação adicional que precisa ser colocada de forma transparente ao Governo Federal e aos novos acionistas. A gestão da Eletronuclear não pode ser tratada como a administração de uma empresa comum.

Trata-se de uma Companhia responsável por atividades nucleares estratégicas para o Brasil, que exigem conhecimento técnico especializado, experiência operacional, cultura de segurança, domínio regulatório e compreensão profunda da política nuclear brasileira.

Nesse contexto, preocupa a ocupação de posições estratégicas da Companhia por profissionais que não possuem trajetória na Eletronuclear ou experiência comprovada no setor nuclear.

Não se trata de questionar individualmente qualquer profissional, tampouco de defender que os cargos de gestão sejam ocupados exclusivamente por empregados da Companhia.

# ***A QUESTÃO É OUTRA:***

Quais critérios técnicos e estratégicos estão sendo utilizados para definir quem ocupará posições essenciais em uma empresa nuclear?

Não é razoável que setores estratégicos de uma companhia dessa natureza sejam conduzidos sem que seus responsáveis possuam conhecimento e experiência compatíveis com a complexidade da atividade nuclear.

A Eletronuclear acumulou, ao longo de décadas, um patrimônio que não aparece apenas em seus ativos financeiros ou em suas instalações. Existe um patrimônio humano e técnico construído por gerações de trabalhadores.

Esse conhecimento precisa ser valorizado, preservado e considerado nas decisões estratégicas da Companhia.

## ***QUEM MANTÉM ANGRA FUNCIONANDO PRECISA ESTAR À MESA***

Os trabalhadores atravessaram diferentes administrações, diferentes governos e diferentes crises.

Eles permaneceram.

São esses profissionais que conhecem a operação de Angra 1 e Angra 2, seus processos, suas especificidades e seus desafios.

São eles que acumulam um conhecimento que não pode ser simplesmente substituído a cada mudança de gestão.

Por isso, os novos acionistas precisam ou-

vir também a visão de quem vive a Eletronuclear por dentro.

Precisam conhecer sua história, suas dificuldades e, principalmente, a capacidade, a experiência e o compromisso daqueles que mantêm Angra 1 e Angra 2 operando com segurança e confiabilidade, apesar das sucessivas crises enfrentadas pela empresa.

Não se pode discutir seriamente eficiência, sustentabilidade, reorganização ou futuro da Eletronuclear ignorando justamente aqueles que conhecem profundamente sua realidade operacional.

## ***O FUTURO DA ELETRONUCLEAR NÃO PODE SER DECIDIDO SEM OS TRABALHADORES***

As entidades sindicais não reivindicam participar daquilo que legalmente compete aos acionistas ou aos órgãos estatutários da Companhia.

O que reivindicam é voz, transparência e participação no diálogo sobre decisões que afetarão diretamente os trabalhadores e a própria estrutura da Eletronuclear.

Os sindicatos não podem aceitar que se construa, mais uma vez, uma narrativa sobre os empregados sem que os próprios empregados tenham a oportunidade de apresentar sua visão.

Se existem discussões sobre reestruturação, mudanças de gestão, novos investimentos, reorganização da Companhia, futuro de Angra 3, alteração de estruturas ou outras medidas capazes de impactar os trabalhadores e a política nuclear brasileira, os representantes dos empregados precisam ser ouvidos antes que decisões sejam tomadas — e não apenas posteriormente, quando as medidas já estiverem definidas.

**(continua)...**

A participação dos trabalhadores precisa ocorrer durante o processo de construção das decisões, permitindo que suas entidades representativas apresentem informações, experiências e propostas que contribuam efetivamente para a avaliação dos diferentes caminhos possí-

veis para a Companhia. Participação depois da decisão tomada não é participação. É apenas comunicação de uma decisão já consumada.

## ***OS SINDICATOS EXIGEM PARTICIPAÇÃO***

Diante desse cenário, as entidades sindicais reivindicam formalmente ao Governo Federal, ao Ministério de Minas e Energia e aos novos acionistas:

- \* A participação efetiva de representantes dos trabalhadores nas reuniões e discussões estratégicas relacionadas ao futuro da Eletronuclear;

- \* Que essa participação ocorra previamente à tomada de decisões que possam produzir impactos relevantes sobre os trabalhadores, a estrutura ou a operação da Companhia;

- \* Transparência quanto às propostas, projetos e alternativas em discussão para a Eletronuclear;

- \* Esclarecimentos sobre o papel reservado à Companhia na política nuclear brasileira;

- \* Transparência quanto aos critérios técnicos e estratégicos utilizados para a composição da gestão e para a ocupação de posições estratégicas;

- \* Preservação e valorização do conhecimento técnico acumulado pelos empregados ao longo da história da Companhia;

- \* Participação das entidades representativas dos trabalhadores nas discussões que possam produzir impactos relevantes sobre a estrutura, a operação, o quadro de pessoal e as condições de trabalho da Companhia.

## ***UMA EMPRESA ESTRATÉGICA PRECISA DE UMA POLÍTICA DE ESTADO***

A Eletronuclear não pode ser tratada apenas sob a perspectiva de resultados financeiros de curto prazo.

O setor nuclear exige planejamento de longo prazo.

Angra 1 e Angra 2 representam décadas de investimentos públicos, desenvolvimento tecnológico, formação profissional e construção de conhecimento nacional.

A continuidade do programa nuclear brasileiro, inclusive a discussão sobre Angra 3 e sobre os futuros projetos do país, precisa estar inserida em uma estratégia de Estado.

É necessário discutir o futuro da Companhia com responsabilidade e sem soluções simplistas.

A recuperação econômica da Eletronuclear é importante. A eficiência também é importante. A governança precisa ser aprimorada.

Mas nada disso pode ocorrer sacrificando o conhecimento técnico, desvalorizando os trabalhadores ou colocando a gestão de setores estratégicos nas mãos de pessoas sem experiência compatível com a complexidade da atividade nuclear.

Eficiência econômica e valorização do conhecimento técnico não são objetivos incompatíveis. Ao contrário: em uma atividade de tamanha complexidade e responsabilidade, um depende do outro.

# ***OS TRABALHADORES QUEREM PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DO FUTURO***

Os sindicatos não se colocam contra a discussão sobre mudanças. Ao contrário.

Os trabalhadores têm interesse direto na recuperação, no fortalecimento e na sustentabilidade da Eletronuclear.

O que defendemos é que esse processo seja conduzido com transparência, responsabilidade, conhecimento técnico e participação dos trabalhadores.

Os empregados não podem ser lembrados apenas quando se pretende discutir redução de custos, reestruturação ou mudanças nas relações de trabalho.

Se são essenciais para manter a empresa funcionando, precisam também ser ouvidos quando se discute o seu futuro.

Os sindicatos não permitirão que se construa novamente uma narrativa sobre os trabalhadores sem a participação dos próprios trabalhadores.

Se o futuro da Eletronuclear está sendo discutido, quem construiu essa empresa, quem conhece sua história e quem a mantém funcionando todos os dias precisa estar à mesa.

Essa não é apenas uma reivindicação sindical.

É uma defesa da Eletronuclear.

É uma defesa de seus trabalhadores.

E é, sobretudo, uma defesa de uma política nuclear brasileira soberana, segura, tecnicamente qualificada e comprometida com o futuro do País.

## **ENTIDADES SINDICAIS REPRESENTATIVAS DOS TRABALHADORES DA ELETRONUCLEAR**

Rio de Janeiro, 25 de AGOSTO de 2026.